

CINEMA

CALBERTO ALBUQUERQUE

Como vi o primeiro programa do II Festival de Cinema

Clinette Sampaio — (do C.C.F.)

A primeira sessão do II festival do filme brasileiro de curta-metragem realizada no Teatro José de Alencar contou com a presença dos participantes da VI Jornada Nacional de Cineclubes, que também foi realizada em nossa capital, além de representantes da cultura cearense.

Glauce Rocha abriu o Festival como representante legítimo do nosso cinema.

O júri, composto por personalidades ligadas, direta ou indiretamente, à cinematografia, contou com a participação de José Geraldo Santos Pereira, do Instituto Nacional do Cinema; Haroldo Serra — representando a Universidade do Ceará; A. Frota Neto — da Associação Cearense do Ceará; Cosme Alves Neto — da Cinematoteca do Museu de Arte Moderna; Raimundo Ramos Freire — da Federação Norte-Nordeste de Cineclubes; Theodoro Margarida Vergue — da Federação de Cineclubes do Rio de Janeiro; Adhemar Carvalhaes — do Centro de

Cineclubes de São Paulo; Olavo Macêdo de Freitas — da Federação Gaúcha de Cineclubes; Geraldo Rocha — da Federação Centro-Oeste de Cineclubes e Enondino Bessa — do Clube de Cinema de Fortaleza.

Os filmes exibidos nesta primeira sessão absolutamente não corresponderam às expectativas gerais. Primários, alguns revelando mau gosto. E' de se destacar "Entrevista" de Helena Solberg, de São Paulo.

VOCE TEM UMA FLOR QUE E' SO' SUA
direção — George Racz, Guanabara;
duração — 20 minutos;

A música clássica funciona como pano de fundo para uma festa de iê-iê-iê. E' o impacto do início da fita que se dilui no idílio do jovem casal de namorados. A primeira parte do filme segue num crescendo louvável, mas é desviada e destruída na segunda parte, descambiando para o mau gosto, com fatalismo, o uso exagerado, mas consagrado pela maioria dos amadores, da câmara lenta e coisas mais.

Há bons momentos e ressaltaríamos o paralelismo de movimentos no parque e na casa da jovem. A fotografia, ora desfocada, é bem situada e transmite a idéia de isolamento, da beleza da solidão a dois.

Outro dos grandes defeitos é a narração — dicção péssima, entonação não adequada.

tra de um problema "que passa despercebido a quem trafega aos sábados e domingos pela Via Anchieta".

ENTREVISTA
direção — Helena Solberg, São Paulo.
duração — 20 minutos;

O assunto é atraente e foi muito bem conduzido, é feita uma enquete entre mulheres de 19 a 27 anos, de mesma posição social. Isto nos dá uma visão do que pensa a jovem, bem situada na escala social, frente a problemas como sexo, casamento, etc. Fotos da Marcha da Família com Deus pela liberdade ilustram algumas opiniões das entrevistadas, criando um contraste bastante feliz. A sonorização não ajuda muito e grande parte do diálogo é perdida. Mais um, no rol do filme-entrevista, que predomina no primeiro sessão. O melhor da noite.

O CARROCEIRO
direção — Ney Negrão, Bahia;
duração — 15 minutos;

Tem alguns instantes felizes, a entrevista é bem conduzida, a idéia é aproveitável. O som mais uma vez atrapalha — difícil conseguirmos entender o entrevistado. Ritmo muito lento. Mas outro filme entrevista. Razoável.

MAL DE CHAGAS
direção — Francisco Ramalho Júnior, São Paulo.
duração — 27 minutos;

E' de se lamentar o desperdício de um tema de tal im-

A SUPERPRODUÇÃO "DOUTOR JIVAGO"

Esta magnífica cena é do filme de David Lean "Doutor Jivago", que por sua história e por sua bonita música "Tema de Lara", vem atraindo a atenção geral das populações das cidades por onde tem passado.

Premiado com seis "Oscars", é um espetáculo atraente pelo brilho artesanal, esplêndida fotografia e algumas interpretações de alto nível como a de Julio Christie, um verdadeiro "show".

NO RIO GRANDE DO SUL CINEMA VAI A ESCOLA

O Serviço de Cinema Educativo do Centro de Pesquisas e Orientação da Secretaria

distribui as escolas particulares e públicas sendo que esta atualmente já sentindo

e mais rápida compreensão da parte do aluno, e melhores meios de implantar ao



Marcha Méril a mais jovem produtora do cinema francês, numa cena de "AU Pan Coupé"

NO RIO GRANDE DO SUL CINEMA VAI A ESCOLA

O Serviço de Cinema Educativo do Centro de Pesquisa e Orientação da Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul, esteve representado nesta VI Jornada Nacional de Cineclubes pelo irmão Luiz A. Rodolfi.

Como diretor destes dos importantes setores da Secretaria de Educação e Cultura do R.G.S., o irmão Luiz Rodolfi nos esclareceu que estão em pleno funcionamento, satisfazendo no melhor possível as necessidades da cultura gaúcha, adiantando que conta atualmente o departamento especializado com 6 filmes feitos (educativos) e 83 da filmoteca. Estes filmes são entregues aos solicitantes, mediante pedidos devidamente acompanhados de orientadores para explicações. Possui também filmes e os

distribui às escolas particulares e públicas sendo que está atualmente já sentindo o início de uma crise causada pela deficiência de filmes devido o aumento dos pedidos.

Como vemos o sistema educacional no Rio Grande do Sul, já toma novos rumos com a criação destes tão importantes departamentos, de assistência e distribuição de filmes, as escolas acompanhadas de especialistas.

E o melhor de tudo é que o Serviço de Cinema Educativo dirigido pelo irmão Luiz Rodolfi conseguiu levar o cinema como meio de melhor compreensão às escolas e fazê-las aceitar.

Numa época como a nossa o cinema educativo — assim se expressou — tornou-se imprescindível a uma melhor

e mais rápida compreensão da parte do aluno, e melhores meios de implantar ao aluno a cultura, por parte do professor. Continuando — disse já está a sua secretaria estruturando novos planos de melhor atendimento às escolas solicitantes, e que alvez no fim deste ano já tenha duplicado a atual quantidade de filmes científicos juntamente com novos planos de aulas.

Toux o Irmão Rodolfi para ser apresentado nesta VI Jornada uma tese, acompanhada de quadro demonstrativo e projeção, numa verdadeira aula inaugural de uma nova era ao ensino. Uma nova técnica, o ensino de modo mais leve e compreensivo, para que o aluno num espaço de tempo muito menor possa aprender... (... aprender mesmo...) tornando quase total a percepção por parte do aluno. Finalizou nosso entrevistado anunciando para a próxima Jornada, que será em Brasília em 68, novos resultados dos seus trabalhos à frente dos seus serviços, e na esperança de outros Estados imitarem o Rio Grande do Sul, colocando o cinema como a arte mais importante na técnica de levantamento do meio cultural, o instrumento educacional das massas.

coisas mais. Há bons momentos e ressaltaríamos o paralelismo de movimentos no parque e na casa da jovem. A fotografia, ora desfocada, é bem situada e transmite a idéia de isolamento, da beleza da solidão a dois.

Outro dos grandes defeitos, é a narração — dicção péssima, entonação pior ainda. E o texto, de primarismo impressionante. O filme recebeu palmas e vaias. Ambas merecidas.

CONTRAPONTO SEM MUSICA;

diretor — Virgílius F. da Gama e Melo, Paraíba; duração — 10 minutos;

A simplicidade do tema exigiria do diretor um certo gabarito para fazer um bom filme. A fotografia tem bons instantes, mas não são muitos. Para nós, um cinema, principalmente se do Nordeste, não deve ser simplesmente virtuosismo. Há que ser participante, engajado na vida e problemas do povo. O dia de uma garota que vai à praia, ao colégio... Talvez tenha algum valor como contraste, isto é, pelo que o filme deixou de mostrar.

CASQUEIRO;
direção — Aron Feldmann
São Paulo;
duração — 16,5 minutos;

Há bastante pontos positivos — o tema, de importância social, a fotografia, algumas cenas. A narração é o calcanhar de Aquiles. O texto deixa muito a desejar. Mas, de modo geral, é válida a mos-

atrapalha — difícil conseguirmos entender o entrevistado. Ritmo muito lento. Mais outro filme entrevista. Razoável.

MAL DE CHAGAS
direção — Francisco Ramalho Júnior, São Paulo;
duração — 27 minutos;

E' de se lamentar o desperdício de um tema de tal importância. O filme tenta agradar a gregos e troianos, instruir, informar — aos não instruídos e a "elite intelectual". Não atinge a nenhum. Para uns, está além da capacidade de entendimento para outros, causa antipatia pela maneira antididática como o assunto é apresentado. Há omissões importantes, principalmente no tocante à profilaxia da moléstia, onde os aspectos mais importantes são simplesmente abandonados, enquanto se apregoam medidas paliativas e frequentemente impraticáveis. Pésimo, principalmente pelo desperdício de tão vasto material. A destacar a fotografia de Valdemar Lima.

O CHARRETEIRO
direção — Heitor Humberto de Andrade, Brasília;
duração — 20 minutos;

Uma toada bem brasileira inicia o filme. E para aí o que ele traz de bom. E' outro do tipo entrevista, mas é tão embrulhada a história do charreteiro, que se fica sem saber afinal o que o filme quer mostrar. Há um semi-strip-tease deslocado no tempo e no espaço. Abaixo da crítica. Recebeu alguns aplausos e merecidas vaias.

DA BAHIA A MELHOR TESE SÔBRE "CINEMA-ESCOLA"

Estariamos cometendo injustiça, se de princípio não falássemos do sucesso absoluto alcançado pelas duas grandes realizações no campo do filme curta-metragem brasileiro que foi a VI Convenção e o II Festival nacionais, promovidos pela Federação Norte-Nordeste, Conselho Nacional de Cinema e Clube de Cinema de Fortaleza.

A convenção que tinha como tema principal o "cinema educativo", trouxe até nós, educadores e quase todos os educadores e educandos de quase todos os estados, numa prova incontestável de quanto os professores já sentem a necessidade de trazer ou melhor, levar o cinema até o estudante, dentro do próprio colégio, não somente como tema diversional-educativo mas como meio fundamental de uma educação comparativa e exemplar, quanto o cinema muito melhor que o professor, pode mostrar a parte teórica e prática ao mesmo tempo, o professor sob nenhuma condição poderá fazer.

Um outro ponto importante é a sistemática de comparação e costumes. E nisso por excelência o cinema é "senhor".

Um outro ponto importante é a sistemática de comparação e costumes...

A Bahia, a decantada terra, nos premiou com a melhor tese da Convenção: "O Cinema e a Escola". Tese dividida em três partes, as quais comunicam: "A importância do cinema para o homem moderno", "O Cinema e a Escola" e "O Cinema como meio auxiliar de ensino".

Na primeira parte expõe a relevância do cinema em nosso mundo e a necessidade de estudá-lo. Já na segunda parte, como consequência da anterior, limita-se a discutir o caráter de uma educação cinematográfica nas escolas, suas finalidades e consequências;

finalmente, o terceiro capítulo enfatiza o papel do cinema como técnica de aprendizagem de outras matérias escolares, principalmente línguas.

Essa tese foi considerada tão importante que o Instituto Nacional do Cinema Educativo, publicará em separata a Revista Filme e Cultura, e enviará aos principais estabelecimentos e órgãos educacionais do País.

Em nosso entender é um grande serviço que o Instituto Nacional do Cinema Educativo, representado na convenção pelo sr. Geraldo Pereira presta a educação de nossa terra, dando ao "trabalho e pesquisa" dos jovens:

Carlos Vasconcelos Domingues, Tânia Sarasil da Siverira, Sergio Soares Dias, Walter A. de J. e Hélio Tavares", o prêmio de divulgação por todo território nacional, para que saibam os "laboratoristas de teorias" que os trabalhos e conclusões quando bem feitos e quando mostram soluções, são necessários irem ao povo. Este precisa tomar conhecimento que não são os "cartolas" do ensino nacional, mas sim o próprio estudante, que luta por novo esquema educacional, novo tipo brasileiro de aprendizagem, não se necessitando importar de outros países técnicas educacionais, como o que querem fazer no momento.

Atualmente a alienação do "próprio estudante" nas reformas educacionais está se caracterizando, como se este não fosse capaz. Mas vemos e podemos provar que são as próprias autoridades educacionais que forçam este processo e não o estudante. Este tenta, grita, esperneia, protesta e tudo faz para que seja ouvida sua opinião. Ele melhor que ninguém conhece as deficiências de nosso atual sistema, que também já foi uma cópia.

Agora então chegou a vez de nossos "pais brasileiros" aceitarem a ajuda dos "filhos" na resolução da problemática educacional. O céu também precisa ser ouvido.



CINEGRAFISTA EM AÇÃO

O cinegrafista A. Carvalhes da representação paulista, observa Palmira (da representação de Assis, S. P.), tomar algumas fotos com sua tele-objetiva.



Eis um flagrante do festivo almoço típico, oferecido pelo Sr. Paulo Campos, em seu sítio Ypioca, aos participantes da VI Convenção Nacional do Cinema Brasileiro.